



**Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais**

Tainá Martins

Horizontes de um Museu Sensorial

Brasília – DF
2011

Tainá Nolêto Martins

Horizontes de um Museu Sensorial

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Artes Plásticas do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura.

Prof^a. Cristina Azra Barrenechea– Orientadora.

Brasília - DF
2011

Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Artes (IDA)
Departamento de Artes Visuais (VIS)

CIP – Catalogação Internacional na Publicação

Martins, Tainá Nolêto.

Horizontes em um Museu Sensorial/ Tainá Nolêto Martins. 2011. – 2012.

34 f.: il.;

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade de Brasília, Instituto de Artes,
Departamento de Artes Visuais, 2011.

Orientador: Prof^a. Cristina Azra Barrenechea.

1. Museu Sensorial. 2. Experienciação. 3. Mediação artística I. Título

TAINÁ NOLÊTO MARTINS

Horizontes de um Museu Sensorial

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Artes Plásticas do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Cristina Azra Barrenechea
(IDA/UnB) – Orientadora

Prof^ª. Lisa Minari
(IDA/UnB) – Avaliadora

Prof^ª. Simone Aparecida Lisniowski
(IDA/UnB) – Avaliadora

DEDICATÓRIA

Aos meus amados pais e irmã que com todo o carinho, esforço e dedicação superaram todos os momentos difíceis da vida para me proporcionar a realização de um desejo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Veggas e Tiana, por todo o empenho e esforço árduo para o meu crescimento, aprendizado e transmissão de princípios.

Agradeço a: minha querida irmã, Winne, por acreditar em mim desde o início e me apoiar durante todos os momentos bons e ruins, e por estar ao meu lado nos momentos difíceis, dando-me todo o apoio necessário; minha família, por ser tão paciente e atenciosa, avós e tias por todo o zelo e carinho.

Agradeço imensamente à artista plástica, tutora e motivadora do meu interesse artístico, Iracema Malheiros, por me mostrar esse novo mundo e me servir como espelho e inspiração de quem eu, um dia, desejo me tornar.

Agradeço a todos os que estiveram presentes durante todo o meu curso, professores e colegas que colaboram com a minha formação. Em especial, aos professores: Lisa Minari, Marília Panitz, Elder Rocha, Carlos Trindade.

Agradeço, em especial, a Cristina Azra, pela orientação, pela atenção generosa e por realmente me fazer acreditar em dias melhores.

Agradeço também aos amigos Camilla Sammarro, Júlio Cesar Lapagesse, Pedro Ivo Verçosa, Fernando Nisio, Daniela Cureau, Luísa Malheiros, Sofia, Rafaela e Rodrigo Salustiano, Clarissa Paiva, Eduardo Massao por estarem sempre por perto, apesar das intempéries, dispostos a me ajudar em qualquer momento e me proporcionando momentos de alegria extrema e cumplicidade.

Aos amigos e funcionários do VIS: Maurilho, Selma, Inêz e Marta.

Grata a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desse trabalho.

RESUMO

O presente estudo apresenta os caminhos teóricos e práticos necessários para o desenvolvimento de um tipo de mediação artística-experimental e especial para crianças e adultos com algum tipo de deficiência, tanto física quanto mental. Esse estudo fez um levantamento preliminar do ponto de vista conceitual e técnico a fim de explorar as questões teóricas e práticas para a real construção de um museu sensorial voltado principalmente para que o público com necessidades especiais tenha uma vivência inclusiva no espaço público do museu sensorial. Para alcançar esse objetivo foi aproveitado o escopo de algumas disciplinas oferecidas pelo curso de Artes Plásticas da Universidade de Brasília (UnB), tanto como algumas oferecidas pelo curso de Arquitetura, visando desenvolver toda a produção teórico-conceitual e prática relacionadas às técnicas e estética. Por meio desses estudos foi possível, registrar o progresso, desenvolver conceitos e problematizar questões que envolvem a produção de um museu sensorial em sua mediação específica. Este trabalho encaixa-se no contexto prático-teórico, recorrendo à práxis, ou seja, a atividade prática e a prática em termos de conhecimento científico para fins explícitos de criação poética, considerando o rigor metodológico de pesquisa fundamentada em teoria e história da arte. Nesse sentido, apresentará: referencial teórico que abordará a interação mediática de indivíduos com deficiência, o ambiente em que se encontram e a aproximação com conceitos artísticos que geralmente são percebidos com a junção de todos os sentidos.

Palavras-chave: Museu Sensorial. Experimentação. Mediação artística.

ABSTRACT

Presents the necessary theoretical and practical studies to produce one kind of special artistic and experimental mediation for children and adults with some kind of disability, physical or mental. This project also tries to demonstrate the real construction of a Sensorial Museum, showing it is theoretical, practical, conceptual and technically possible. For this, many classes attended at the Art Department of University of Brasilia (UnB), and also some offered by the Architecture Department, were directed towards developing the theoretical-conceptual production and turning all the technical and aesthetic desires into practice. Throughout these studies, it was possible to register a progression of the concept, the techniques and the aesthetics involved in the production of a Sensorial Museum and its specific mediation, drawing closer to the project's original goal. This thesis concerns on theoretical-practical context, recurring to praxis in terms of practical activity and scientific knowhow for the purpose of poetics, considering the rigorous research method based on Art Theory and Art History. In this sense, presenting: theoretical references that shall approach mediation interaction of disabled individuals, the place that they experiment and the rapprochement with artistic concepts that are usually perceived with all the senses, as well as the method used to elaborate the final considerations twiggged during this process.

Key-words: Sensorial Museum. Experimenting. Artistic Mediation.

Lista de Ilustrações e Anexos

Figura 1: Indivíduos cegos em visita ao Museu dos Cegos em Madrid

Figura 2: Experimentação Sensorial de Escultura Clássica

Figura 3: Placas de Piso Táteis

Anexo 1: Prancha 1/12 – Planta Baixa 2º piso

Anexo 2: Prancha 2/12 – Planta Baixa 1º piso

Anexo 3: Prancha 3/12 – Planta Baixa 2º piso com Cotas

Anexo 4: Prancha 4/12 – Planta Baixa 1º piso com Cotas

Anexo 5: Prancha 5/12 - Planta de Implantação – Curvas de Nível Existentes

Anexo 6: Prancha 6/12 – Planta de Implantação – Curvas de Nível Modificadas

Anexo 7: Prancha 7/12 – Cortes Esquemáticos AA e BB

Anexo 8: Prancha 8/12 – Fachadas 01 e 02

Anexo 9: Prancha 9/12 – Fachadas 03 e 04

Anexo 10: Prancha 10/12 – Planta Estrutural

Anexo 11: Prancha 11/12 – Planta Cobertura

Anexo 12: Prancha 12/12 – Estudo de Formas

Sumário

1. APRESENTAÇÃO.....	11
1.1. - Objetivo Geral	12
1.2. Objetivos Específicos	13
2. JUSTIFICATIVA.....	13
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3.1. Estética	15
3.2. Educação Especial	17
4. METODOLOGIA.....	21
4.1. Descrição Geral	21
4.2. Iluminação e Ventilação	22
4.3. Circulação	23
4.4. Áreas Verdes	24
4.5. Mediação com o Público e Curadoria	24
4.6. Espaço de uso interno e informações técnicas	26
4.7. Espaço Administrativo	29
4.8. Estacionamento	30
5. CONCLUSÃO.....	31
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

1. APRESENTAÇÃO

Esse projeto propõe um estudo preliminar para subsidiar a concepção de um Museu Sensorial, que promova a percepção artística em indivíduos com necessidades especiais. Para tanto este projeto parte de uma reflexão acerca das formas de percepção do ser humano em relação à arte, sua interação e conseqüente sentimento após sua fruição, de forma a propor espaços de mediação artística num ambiente propício a experimentações.

O projeto aborda o processo de construção hipotética do Museu Sensorial, a partir de uma exploração das possibilidades de fruição sensorial da arte por um público com necessidades especiais. O projeto se apóia nos estudos da educação especial, da arte educação, e de princípios de museologia para desenvolver um diálogo entre as concepções, questões e conceitos que possam subsidiar a proposta desse ambiente voltado a mediação artística.

O projeto parte um questionamento acerca do estado de engessamento em que se encontra a educação tradicional e acerca da ausência de espaços formativos para os portadores de necessidades especiais que sejam voltados para a experiência estética a partir de uma abordagem inclusiva dos diferentes olhares que possam enriquecer a prática de produzir cultura em espaços de arte.

O projeto propõe o desenvolvimento de novas abordagens para o ensino cultural e artístico para deficientes físicos em um espaço museológico, sendo a primeira etapa desse estudo, mais especificamente voltada para os deficientes visuais.

Assim, o museu sensorial propõe uma superação do afastamento tradicional que ocorre entre o espectador e as obras, e permite várias experimentações que deviam ser absorvidas inicialmente na fruição da obra, com a conseqüente experimentação de fato da: cor, forma, textura, volume, sons e bem-estar.

Dessa forma, a questão mais visada e trabalhada no conceito desse museu será muito mais a mediação para promover a sensação e experimentação da obra, do que seu entendimento por meio exclusivo da observação da mesma.

Com isso, poderemos perceber o interesse maior desse público, assim como ampliar o público-alvo desse tipo de museu, fazendo com que pessoas que tinham dificuldade em adentrar nesse tipo de experimentação cultural, realmente possam participar de visitas guiadas ou não a museus, exposições, palestras e procedimentos técnicos a partir dos conhecimentos adquiridos na aproximação do sujeito com necessidades especiais e a obra artística em exposição.

1.1 – OBJETIVO GERAL

Desenvolver um estudo preliminar para a criação de um museu sensorial em que as experiências culturais e artísticas de pessoas com necessidades especiais sejam satisfeitas, tomando como base uma mediação com conhecimentos sobre a metodologia de ensino diferenciada que se sustenta na experimentação sensorial das obras e dos locais de fruição.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Fazer uma revisão bibliográfica das áreas da aprendizagem cognitiva, educação especial, arte educação, e museologia;

Desenvolver um estudo acerca das necessidades e problemas do público alvo envolvidos na criação do museu;

Desenvolver uma crítica reflexiva acerca das condições atuais em que se encontram os espaços de mediação cultural e artística;

Desenvolver um estudo arquitetônico para a estruturação física do museu.

2. JUSTIFICATIVA

As obras de arte, em alguns casos, podem ser consideradas reflexos, expressões de determinado momento de vida do artista e das relações com o seu mundo exterior, nos levando, muitas vezes, a transitar por seu subconsciente criador. Cada composição e/ou técnica utilizada serve para unificar o artista, sua obra e a fruição. O artista e a obra fundem-se, permitindo ao espectador olhar e sentir o interior de outra criatura que não mais pode ser considerada só obra ou só artista. O resultado proveniente desse processo de composição agora é também interiorizado e externalizado na figura do telespectador, que por qualquer meio de fruição, a percebe.

Minha jornada artística e meu interesse pelas artes começaram bem cedo na minha vida. Lembro-me bem que os momentos de maior satisfação das minhas atividades escolares eram as aulas práticas de literatura e artes. Com 8 anos, fui matriculada na

Escolinha de Artes da Asa Sul, ela ainda funciona hoje em dia numa biblioteca incrível e pública, no meio dos tradicionais jardins de cigarras de Brasília. Lá tive bastante contato com histórias, livros e mundos novos a partir da hora do conto, um momento de leitura de livros feito por uma das professoras da escola que se rodeava por crianças famintas por ouvir mais uma de suas aventuras. Terminada a hora do conto, íamos todos pra dentro da biblioteca e lá fazíamos atividades variadas e diversas, sempre acompanhadas e motivadas por professores muito bem capacitados. Esse ambiente, as atividades interessantíssimas e a inspiração dos professores me fizeram acreditar e desejar participar de uma vida baseada e apoiada nas artes visuais, literatura, na criação e fruição.

Logo após ingressar na UnB, no curso de Artes Visuais, decidi começar um segundo curso, juntamente com esse, de Design de Moda. Minha primeira formação superior é nesse segundo curso, pelo Instituto de Ensino Superior de Brasília, IESB, e tanto um quanto o outro me ajudaram na criação livre e desimpedida nos dois cursos. Esses primeiros semestres foram os de experimentação, criação e conceituação artística bastante intensa, preocupando-me pouquíssimo com análises formais e engajamento teórico. Logo após a formação em design de moda, comecei outro curso, o de Arquitetura e Urbanismo, no Centro de Ensino Superior de Brasília, o UniCeub. Com o estudo mais específico de matérias sobre a arte-educação, comecei a pensar mais teoricamente no assunto da apreciação. A partir dos estágios guiados pela professora Lisa Minari, me interessei pelo aspecto mediático no ensino e apreciação da arte, observando e comprovando como o engessamento desse ensino diminui a

capacidade de experimentação e satisfação pessoal na aprendizagem de qualquer disciplina escolar.

A junção desses três cursos adicionados de conhecimentos adquiridos tanto no departamento, quanto em experiências vividas nos museus que já visitei, me fizeram desejar fazer o projeto de um museu que atendesse não só os fruidores e apreciadores de arte convencionais. Assim, utilizando de conhecimentos mais técnicos da arquitetura, das experimentações e tatibilidades da moda, e conceitos de fruição de arte, coloquei a minha capacidade de pensamento e vontade à disposição da criação de um museu sensorial, que fizesse todos os visitantes sentirem a mesma paixão que tenho na apreciação de obras sob qualquer técnica. Assim, esse projeto propõe um espaço que amplia essa relação entre autor, obra e audiência, ao explorar e permitir novas perspectivas para a experiência de fruição artística.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Estética

Algumas correntes filosóficas baseadas na tradição do pensamento metafísico de Platão se baseavam no conceito de que a essência de todo o conhecimento partia da percepção sensível das coisas, assim, não poderíamos encontrar qualquer fundamento para a certeza, já que os sentidos forneciam dados variáveis, individuais e incertos que não poderiam ser comprovados, portanto, imperfeitos.

“O erro provém dos juízos que se fazem sobre as sensações e não delas próprias. A sensação enquanto tal jamais é falsa.

Falso é querer ver nela a expressão de uma verdade externa ao próprio sujeito”.

(Agostinho, Ensinamentos Básicos dos Grandes Filósofos - S.E.Frost Jr.)

Dessa forma, há a valorização da idéia de que há uma hierarquia da alma sobre o corpo. A alma, aprisionada no seu casco humano e terreno, teria funções ativas sobre o corpo. Seus órgãos sensoriais sofrem as ações dos objetos e situações exteriores. Com a alma, a história é diferente, isso, teoricamente não poderia acontecer, já que o inferior não ultrapassa os poderes do superior. Assim, a alma não deixaria passar despercebidas as modificações e ações do corpo, criando, a partir de sua própria essência, de sua própria substância, uma imagem bastante semelhante ao objeto de interesse.

Agostinho conclui que existem dois tipos inteiramente diferentes de conhecimento: o primeiro, limitado aos sentidos e referente aos objetos exteriores ou suas imagens; o segundo, imutável e eterno, que é o conhecimento verdadeiro recebido pelo homem pela iluminação divina. No caso deste estudo, discutiremos a relação humana com os objetos e obras a partir do primeiro tipo de conhecimento: O Conhecimento Sensorial.

3.2 Educação Especial

Durante a colonização do Brasil, quando a sociedade era agrícola e rudimentar, numa época em que apenas 2% da população eram escolarizados, e até mesmo o ensino regular era tímido, a educação do deficiente era praticamente inexistente. A educação do deficiente foi pouco a pouco desenvolvida, a partir do apoio e suporte de alguns poucos interessados, se concentrava basicamente no ensino de trabalhos manuais com o objetivo principal de tentar garantir-lhes algum meio de subsistência e mínima autonomia.

Segundo ZANFELICI (2004), a abordagem que fundamentava o conceito de deficiência naquele momento era o modelo médico:

“... O modelo médico perdurou até meados de 1930, quando foi gradualmente substituído pela pedagogia e psicologia. Durante o predomínio das ciências médicas, o momento histórico destaca a presença dos asilos, das classes anexas aos hospitais psiquiátricos (ilustrando as primeiras preocupações com a pedagogia para o ensino especial) e mais adiante, das classes anexas as escolas regulares.”

(ZANFELICI, 2004: página 158)

Após a realização de uma grande reforma nos métodos educacionais em meados de 1890, o eixo científico começa a ser um pouco valorizado no ensino do deficiente. Apesar disso, embora começasse a se dar ênfase a educação em

coletividade, os alunos com desenvolvimento atípico, ou com rendimento escolar 'preocupador' eram segregados em diferentes salas de aula para que não ocorressem interferências no ritmo de aprendizado dos demais alunos. Durante esse período, educava-se seguindo os princípios da "ordem e progresso", tentando fazer com que esses indivíduos com deficiência fossem educados para que não se tornassem criminosos ou perturbadores da ordem social.

Só no século XX é que a sociedade civil começa a engajar-se em causas a favor do deficiente. É aí que começa a criação de centros de reabilitação e clínicas psicopedagógicas, ainda mantendo as classes anexas aos hospitais. Destacou-se nesse século, em meados dos anos 60, por exemplo, a criação da primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB), sugerindo que os alunos com deficiências estivessem inseridos "quando possível" na educação regular, indicando serviços especiais caso não existissem possibilidades dessa dita inserção. Assim, o conceito de 'anormalidade' modificou-se novamente, passando a ser entendido e disseminado de acordo com o que era adequado as expectativas institucionais, escolares e sociais nesse momento histórico. Então, mesmo com a legalização da integração do indivíduo com necessidades especiais no ensino regular, aqueles que não alcançavam os resultados esperados não se ajustavam à corrente e eram excluídos.

Passados alguns anos, aumentou-se a valorização da produtividade do deficiente, não pela preocupação com o bem-estar dessa parcela da sociedade, mas sim pelo desenvolvimento social do país, utilizando-se da idéia de que "cada um valia o que produzia". Com deficientes engajados em pequenos serviços industriais, a

educação especial propriamente dita ficava para trás, sem realmente favorecer e nem incluir.

Nos anos 80, o assunto ganhou visibilidade, marcando a evolução da educação especial e cidadania dos deficientes. Foram criados o Centro Nacional de Educação Especial, diversas organizações filantrópicas, foram realizadas campanhas pela causa da deficiência e valorização da escolarização do deficiente. O discurso pedagógico da época ressaltou a integração ou normalização da deficiência, inserindo as pessoas com necessidades especiais no cotidiano dos considerados normais.

Na década de 90, a partir da declaração de Salamanca, foi concebido pelo governo ao CONADE (Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência) o direito de avaliador e aprovador do CORDE (Coordenação Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência), assim, facilitando gestões descentralizadas e possibilitando a comunicação entre a sociedade civil e o governo. No entanto, mesmo com a criação de tantos conselhos, permanecia a escola pouco democratizada e educação especial como um sistema de ensino paralelo ao ensino popular.

Só então, no século XXI, ao mesmo tempo em que as desigualdades sociais, progresso desenfreado e cobranças acerca da produtividade e competitividade ameaçam tomar conta de tudo, começamos a conquistar, com avanços tecnológicos e direitos defendidos, a possibilidade do início da defesa do bem-estar do ser humano com necessidades diferenciadas. A ênfase da escola começa a centralizar-se em seu poder transformador, atentando às particularidades dos alunos, e iniciando a valorização de métodos e técnicas de ensino que atendam a essas necessidades especiais.

"Nos dias atuais, ainda se luta para que a educação especial seja reconhecida como parte integrante de uma educação para todos. Nesse contexto, não cabem preconceitos, protelações ou isenções de responsabilidade."

(ZANFELICI, 2004: página 213)



Figura 1

4 METODOLOGIA

Esta sessão se dedica a apresentar as concepções e idéias que basearam um estudo preliminar do projeto arquitetônico do Museu Sensorial. A seguir um relato acerca do projeto, seus espaços e proposta de uso.

4.1 Descrição geral

De acordo com o artigo do arquiteto Flávio Kiefer, esse tipo de museu se baseia em princípios do museu-caixa, apesar das formas circulares. Esse conceito surgiu juntamente com projetos modernistas em meados do segundo quarto do século XX.

O museu-caixa se constrói em uma estrutura fixa, geralmente quadrada ou retangular, e segue a idéia de que suas paredes somente separam a área em que as exposições vão acontecer do exterior pelas intempéries, portanto, segue o conceito e princípio de que esse espaço é um prolongamento da natureza e que deve ser sutilmente e naturalmente dividido.

Partindo daí, esse museu será construído quase completamente em vidro, fazendo com que essa separação interior-exterior fique realmente sutil, com obras protegidas pelas intempéries, mas não presas e fechadas num invólucro que separe completamente os dois espaços. Tanto um quanto o outro, possuirá um paisagismo complexo, de experimentação vegetal e variedade de beleza natural.

O seu interior não possui divisões por áreas fechadas ou salas, assim, fazendo um vão imenso de estrutura livre para a apreciação completa do museu. Nesse caso, o

museu terá a forma de uma elipse, com mínimas divisões por paredes de formas semicirculares, que servirão de apoio neutro às obras táteis expostas.



Figura 2

4.2 Iluminação e ventilação

Pé direito altíssimo e aberturas das faces de vidro da fachada ficarão responsáveis pela ventilação agradável do espaço, assim como sua iluminação natural, utilizando-se do mínimo de estruturas artificiais para esse tipo de atividade. A iluminação ambiente e as cores das paredes foram escolhidas criteriosamente, no sentido de ajudar as pessoas com cegueira parcial.

Todas as paredes e divisões internas possuirão cores neutras, assim como as estruturas metálicas que sustentarão os vidros das fachadas. O piso terá cores diferenciadas e vivas, separando ludicamente os ambientes e apетecendo os olhares; também possuirá equipamentos de som em toda a sua extensão, com músicas

também diferenciadas em cada área, apetrechando a audição; e, é claro, variados e inúmeros tipos de texturas e materiais de revestimento utilizados, para que a experimentação tátil seja possível em toda e qualquer superfície desse espaço de conhecimento sensorial.

4.3 Circulação

No museu, o fluxo de circulação dos visitantes terá uma concepção orgânica. Essa concepção também é uma das principais e grandes preocupações conceituais desse projeto, com os quesitos de acessibilidade sempre levados em consideração e pisos táteis em toda a sua extensão, esse espaço servirá como ambiente ideal e mediado para uma fruição sensorial bem estruturada.

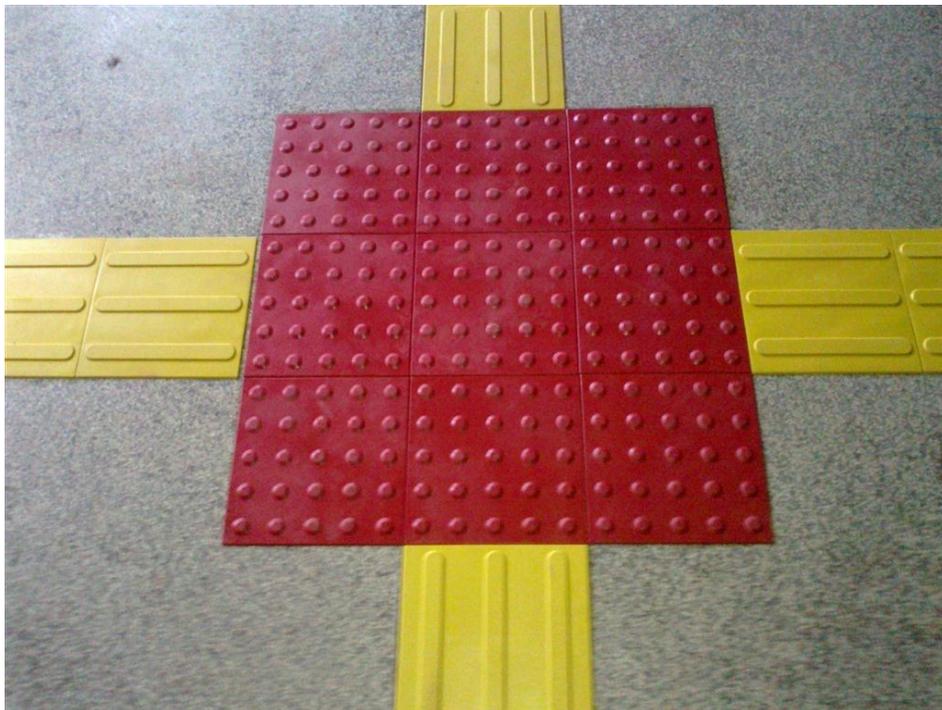


Figura 3

4.4 Áreas verdes

Haverá também, no interior do museu, um grande jardim com inúmeras espécies vegetais que produzam diferentes percepções sensoriais e táteis para a experimentação dos visitantes. Assim, estes poderão retirar os calçados e sentir com pés e mãos os tipos de flora plantados nesse local, com explicações técnicas de conhecimentos biológicos e naturais feitos por mediadores. A conceituação do museu seguirá uma linha bastante flexível de experimentação pelos visitantes a partir de diferentes fontes de experiência e interação com o ambiente físico e espacial do museu planejados com essa finalidade.

4.5 - Mediação com o público e curadoria

A mediação do museu será feita por estudantes ou profissionais na área de Artes Visuais, Comunicação, Comunicação Audiovisual, História, ou outros cursos correlacionados, que possuam conhecimento geral e específico de História da Arte, mediação em Museus, Arte-Educação e mediação e tratamento social de deficientes físicos e mentais.

O projeto do museu contará com cursos de capacitação específicos para que os mediadores sejam capacitados dentro da concepção e proposta do museu. Esses cursos de capacitação contarão com uma fase de adaptação do candidato à vaga no ambiente, com o acompanhamento de outro mediador já experiente, cursos

aproximação com os valores e conceitos de educação especial, assim como de linguagem e jargões artísticos e motivação na experimentação.

Será um quesito essencial para que o museu obtenha resultados satisfatórios, a grande qualidade da mediação experimental. Toda a conceituação do museu parte do princípio de que se tenha um ambiente de prazer sensorial, e experimentação cultural e sensorial muito intensa para os espectadores, e para fazer deste um ambiente ideal para isso, a qualidade de conhecimento dos mediadores, que será, então, repassada aos apreciadores, deve ser tão importante quanto o resultado futuro satisfatório esperado dos visitantes.

As obras expostas nesse museu passarão por curadoria e serão estudadas e pensadas a partir da proposta de que sejam expostas para serem tocadas, cheiradas e sentidas pelos espectadores.

Essa concepção de exposição da obra para ser vivenciada pelo público em um espaço de proximidade e interação se contrapõe com a concepção de distanciamento do público da obra como medida de proteção da mesma que é comum em museus tradicionais.

A idéia desse espaço segue um conceito de deslocamento e distanciamento do tão comentado 'comportamento de museu', partindo daí, o que mediadores na fruição de obras defenderão será a aproximação, experimentação, e contato direto com o objeto de apreciação, ao contrário do perceptível afastamento conservador socialmente aceito e defendido hoje em dia.

Os espectadores poderão, sozinhos ou acompanhados por um mediador, criar seu próprio fluxo de movimentação pelo museu, realizando qualquer tipo de atividade

oferecida a qualquer momento de sua visita. Assim sendo, poderão fazer visitas em grupos escolares, familiares, institucionais e também como visitantes individuais, fazendo seu próprio itinerário e escolhendo suas atividades.

Como falado anteriormente, as mudanças sensoriais do espaço interno do museu farão com que os diferentes visitantes do museu, com diferentes tipos de deficiência ou não, tenham diferentes sensações e experiências de acordo com o seu esquema de montagem de fluxo, do tipo de visita e do seu próprio itinerário criado.

Um exemplo disso diz respeito aos diferentes materiais nos pisos das diversas áreas do museu, com o objetivo de orientação dos visitantes nos corredores e alas – assim, graças aos sons produzidos pelas passadas, os cegos podem saber se, por engano, estão retornando a algum local já visitado.

4.6 - Espaço de uso interno e informações técnicas

O museu está, hipoteticamente, localizado na altura da quadra 14/15 norte, num terreno pertencente à Universidade de Brasília. Ele possui 2.900m², divididos em dois pavimentos. A estrutura do museu é feita em concreto armado e estrutura metálica que sustenta placas de vidro de 4m x 1m, em média.

O pé direito do espaço é de 4m, e em uma área, de 5m. As curvas de nível do local, depois de estudadas, foram modificadas para atender à estrutura do museu, fazendo a planificação do terreno que será utilizado.

Uma das paredes do museu, a da fachada posterior lateral, será construída em concreto, o que sustentará grande parte da estruturação do museu, sendo auxiliada por pilares, também de concreto armado, com distanciamento de 8m entre cada um deles, formando uma malha cartesiana de sustentação.

Para o andar superior, o visitante se utilizará de um elevador adaptado, construído no centro de uma caixa de estruturação de concreto, com espaço diferenciado dos elevadores convencionais para conforto e bem-estar de deficientes físicos. Os espaços de circulação foram todos calculados para a facilidade de acesso de desabilitados, com raio de giro calculado para, no mínimo, dois cadeirantes passarem ao mesmo tempo entre obstáculos.

Toda a extensão do museu contará com placas de pisos táteis, assim como mapas, também táteis, para auxiliar a locomoção e movimentação de deficientes visuais de forma autônoma e descomplicada.

As paredes do museu possuem formas semicirculares, assim, o fluxo interno fica infinitamente mais orgânico e natural, fazendo as passagens para as diferentes áreas muito mais sutis do que com formas retas. Com isso, a ventilação e movimentação de correntes de ar ficam, também, muito mais agradáveis aos sentidos dos visitantes.

Todas as estruturas verticais de sustentação do museu possuirão cores neutras e serão base para as experimentações das obras. No entanto, estas estruturas de apoio

serão diferenciadas de forma tátil, com materiais e revestimentos com diferentes tipos de estruturação têxtil e variedade de texturas. Assim, mesmo que servindo de apoio a obras maiores, essas estruturas de sustentação construirão uma forma simplificada e didática de fluxo e discriminação de ambientes dentro do espaço de apreciação cultural sensorial.

O piso terá uma diferenciação de áreas por cores, de acordo com o tipo de área, a coloração do piso, a música ambiente e o tipo de obra mudarão, fazendo com que o espectador, realmente sinta no seu interior, o tipo de mudança ocorrida no exterior.

No segundo pavimento do museu, as mesmas paredes semicirculares de concreto estão presentes, mas agora com uma estrutura elaborada de acústica e reverberação de sons para que seja possível que se tenham pequenas palestras, bate-papos e debates nessas áreas. Possui também, nesse mesmo andar, grandes mesas para a realização de pequenas oficinas de experimentação artística com materiais diferenciados e também texturizados para a experimentação lúdica completa do visitante, tanto nas áreas de conhecimento de obras feitas por outros artistas, como também experimentação de obras feitas pelo próprio espectador.

Esse segundo pavimento possui outra divisão de espaço com acesso realizado por uma rampa pouco íngreme. Essa área é feita de estrutura metálica e completamente revestida de placas de vidro transparente seguindo uma base de círculos concêntricos, piso, paredes e teto, inteiramente de vidro presos em estruturas metálicas. Essa área foi conceituada para ser um espaço social de convivência. Assim,

pessoas poderão sentar-se, conversar, descansar em pufes espalhados por toda a extensão do ambiente.

Na varanda desse pavimento, os visitantes poderão sentar-se em bancos que se encontrarão na área externa embaixo da sombra de uma grande árvore que crescerá do terreno, por dentro do piso da varanda do segundo pavimento e fará sombra para essa varanda.

4.7 Espaço administrativo.

Os banheiros do museu estão em conformidade com as normas de segurança e acessibilidade da NBR (Normas Brasileiras) de arquitetura. Isso faz com que os deficientes físicos tenham total liberdade de acesso a todos os locais do museu, incluindo aí, espaços necessários para a manobra de cadeiras de rodas e pisos táteis para a locomoção de deficientes visuais.

As áreas do espaço administrativo, o que incluirá as áreas de estoque de obras, almoxarifado, espaço de descanso e muda de roupa dos funcionários, serviço e limpeza, ficarão no piso inferior ao de entrada, numa área no subsolo com ventilação feita por um muro de arrimo de espaçamento de 1m das paredes do museu. Como o projeto é inicial e experimental, o layout dessas áreas e os projetos técnicos não foram profundamente desenvolvidos.

4.8 Estacionamento

O urbanismo do local foi desenvolvido para que os visitantes, antes mesmo de adentrar o museu, tenham a sensação de bem-estar. O estacionamento foi pensado com espaçamento superior ao tradicional entre os carros, com rampas em toda a extensão do meio-fio, para que pessoas com dificuldade de locomoção possam subir e acessar o museu de qualquer lugar do estacionamento que pararem seus veículos. As placas sensoriais guias dos visitantes já serão instaladas a partir do estacionamento do museu.

A área externa contará com um paisagismo complexo e diversificado sensorialmente, para que haja uma liberdade de realização de atividade, como piqueniques, caminhada, local de descanso e conectividade natural.

5. CONCLUSÃO

A construção desse museu se conceitua nas sensações mais puras de bem-estar de um indivíduo, com áreas de conhecimento e experimentação sensorial, áreas de convivência e descanso, áreas de movimentação com referências táteis e fluxo orgânico de locomoção, além de acessibilidade e conforto.

A partir dessa aprofundada pesquisa, pude perceber que este ainda é um conceito inicial, e que, com certeza, pode e deve ser ainda melhor estudado e desenvolvido. Referências e obras completas desse tipo de museu sensorial ainda são difíceis de encontrar, tanto no Brasil, como em outros países, isso demonstra a falta de interesse na inclusão e atenção a uma parcela, segundo dados da Secretaria de Saúde do estado de São Paulo, de mais ou menos 2% da população brasileira que possui cegueira completa ou parcial avançada.

Ainda assim, podemos perceber o início de uma preocupação latente em outros países mais desenvolvidos com a mediação e as modificações feitas em museus para a inclusão dessa parcela da sociedade. Alguns deles possuem panfletos e guia de visitação escritos em braile, alguns criaram réplicas de obras de arte para que os visitantes possam tocar, alguns já possuem sistemas de guia na locomoção pelos corredores do museu e alguns já permitem que os visitantes toquem obras, geralmente esculturas, originais que fazem parte do acervo do museu.

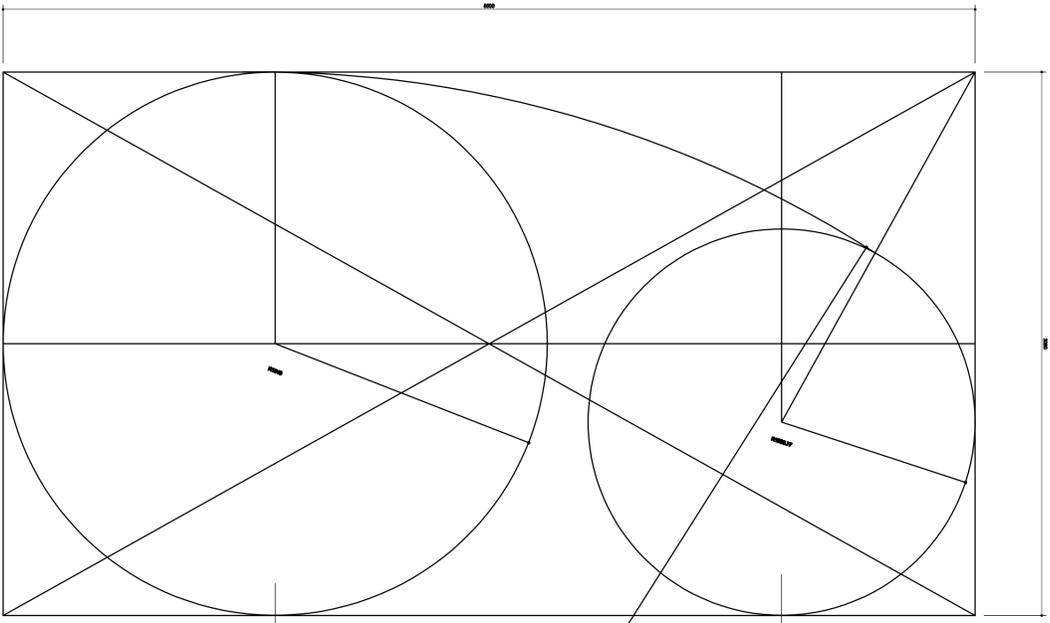
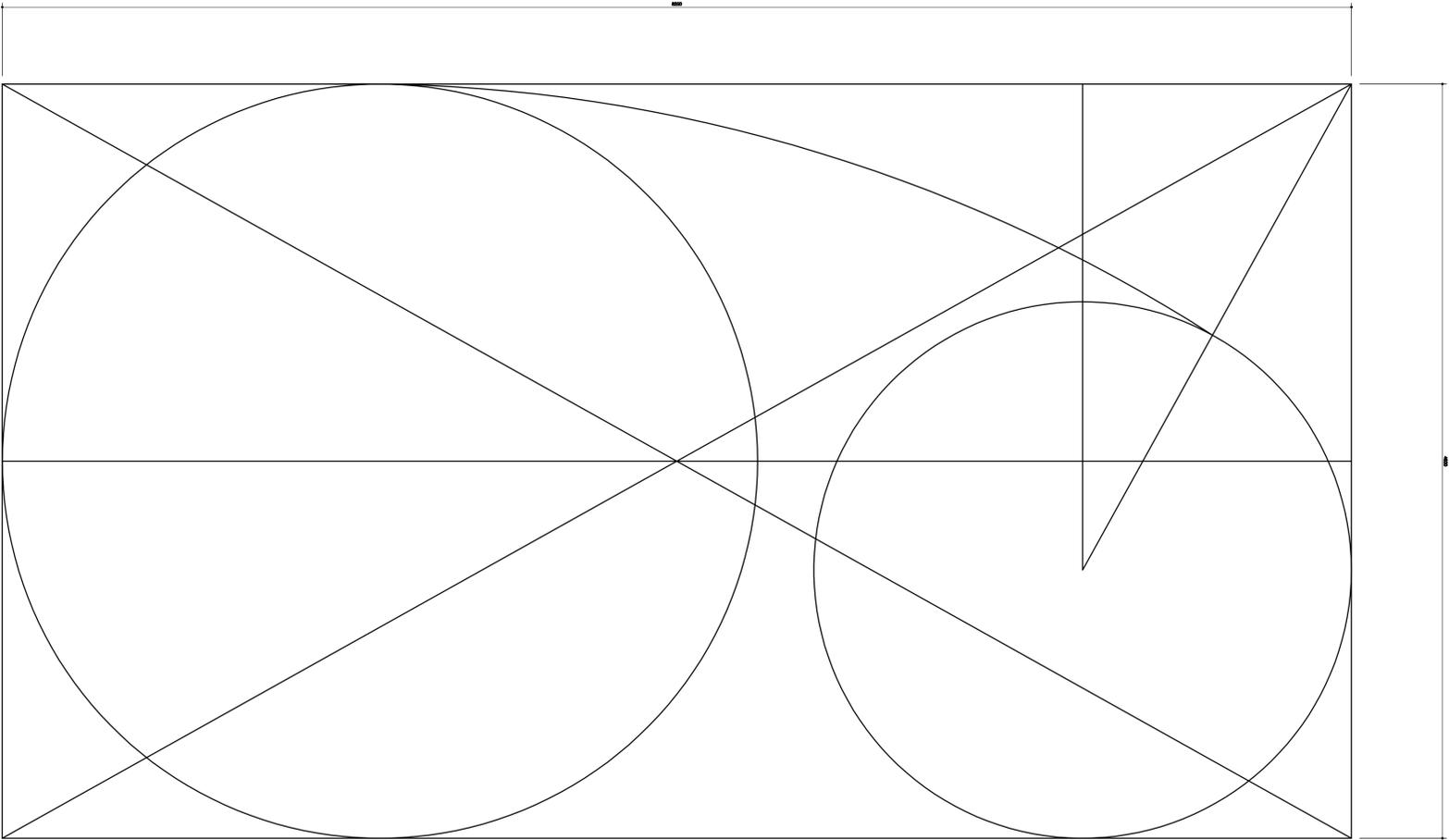
A idéia de um museu sensorial para as artes parte de um princípio de necessidade social para que a apreciação de obras artísticas não se contenha no conhecimento de minúscula parcela da sociedade. Para que a arte possa ser

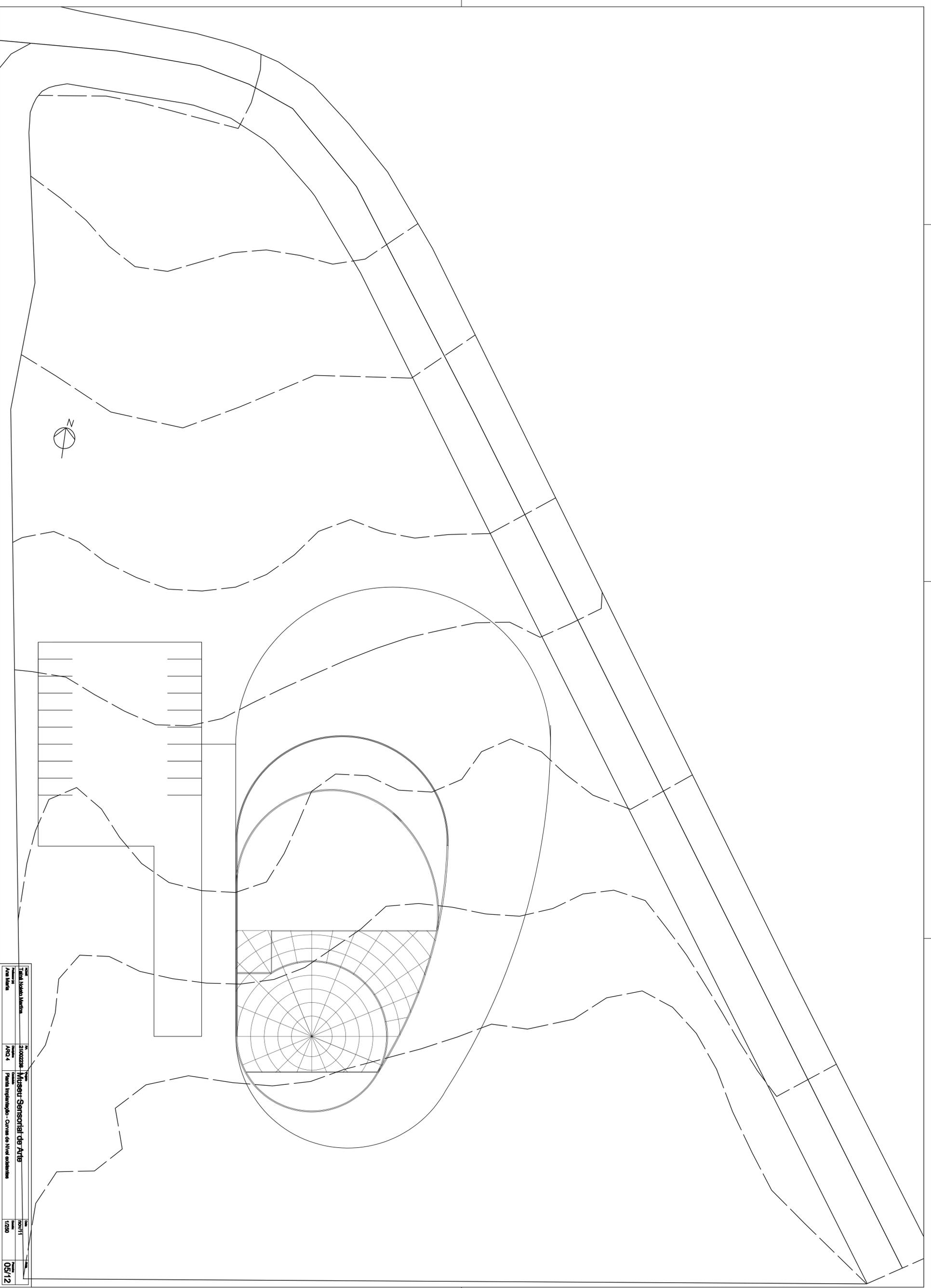
experimentada, aproximada e tocada não só por deficientes físicos, que não possuem espaços de inclusão, mas também pela grande parcela da população que não se sente incluída em eventos relacionados à arte, em exposições de museus convencionais de arte.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JANUZZI, G. M. A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas: Autores Associados, 2004.
- MICHELS, Maria Helena. Paradoxos da formação de professores para a educação especial: O currículo como expressão da reiteração do modelo médico-psicológico.
- ARNHEIN, Rudolf. Arte e Percepção Visual. São Paulo: Cengage Learning, 1997.
- GOMBRICH, E. H. A história da arte. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- COSTA, Lúcio. Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- GIRAUDY, Danièle e BOUILHET, Henri. O museu e a vida. Porto Alegre: IEL, 1990.
- ARQUITETURA DE MUSEUS – Flávio Kiefer. Artigo na revista ARQtexto da UFRGS.
http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_1/1_Kiefer.pdf

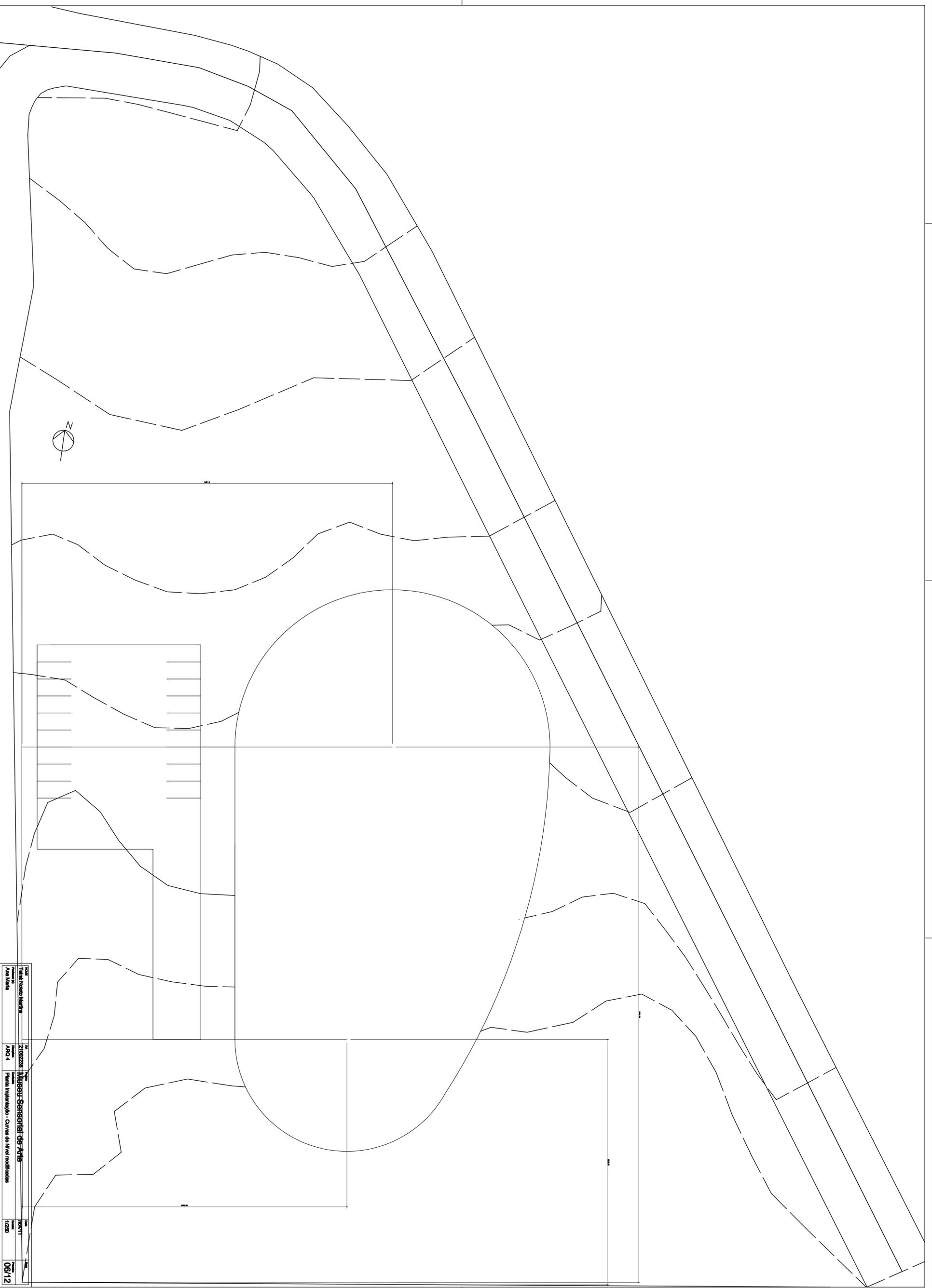
- <http://repensandomuseus.blogspot.com/2011/01/experiencias-sensoriais-em-museus.html>
- <http://www.museus.gov.br/noticias/jardim-sensorial-busca-a-inclusao-de-pessoas-com-deficiencia/>
- <http://super.abril.com.br/cultura/museus-adaptados-belas-artes-cegos-440824.shtml>
- HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte/Educação como mediação cultural e social. São Paulo, Editora UNESP, 2009.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte/educação Contemporânea, Consonâncias Internacionais. São Paulo, Cortez, 2008.
- MEDEIROS. Maria Beatriz de. Aisthesis. Estética, educação e comunidades. Chapecó: Argos, 2005.



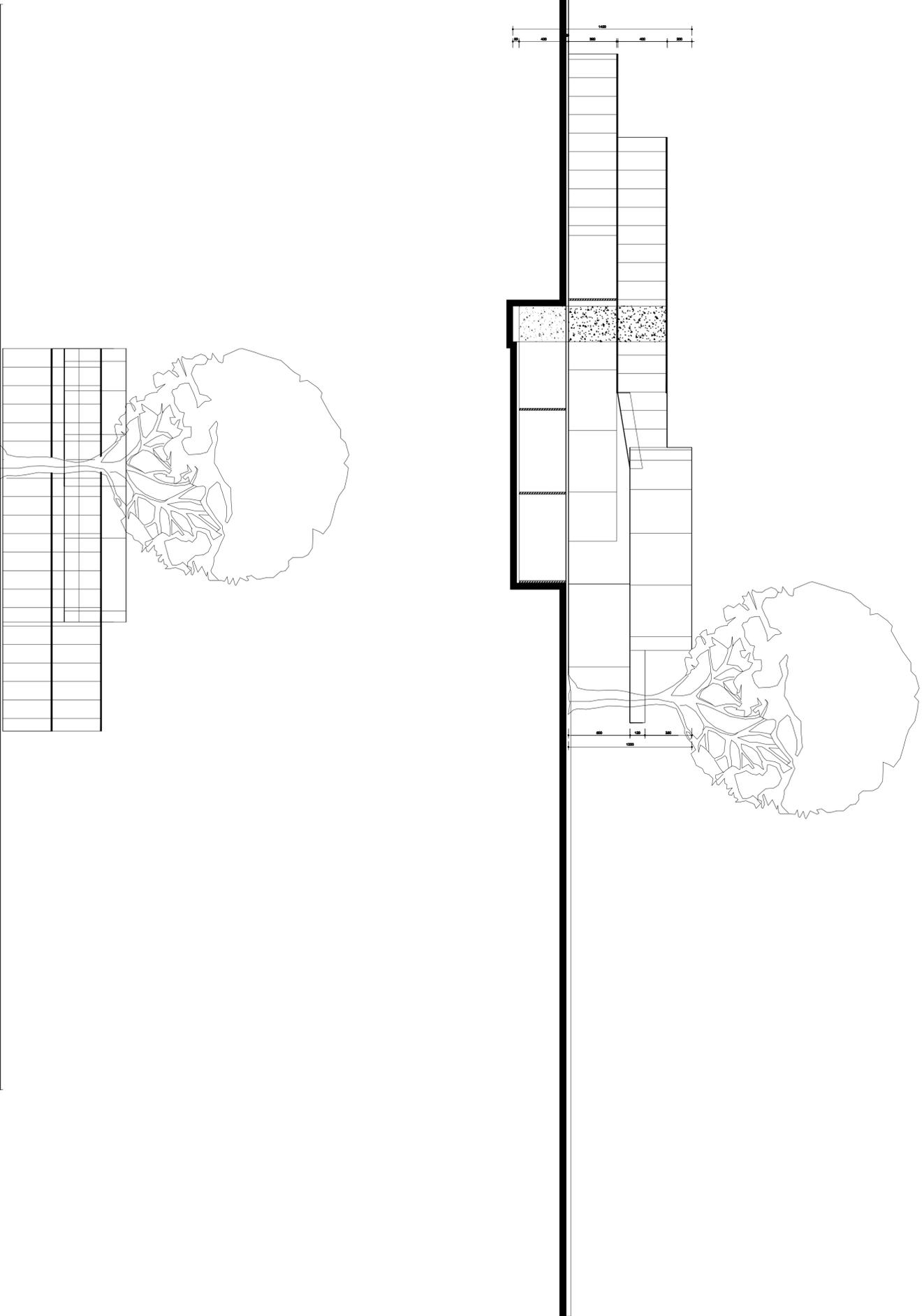


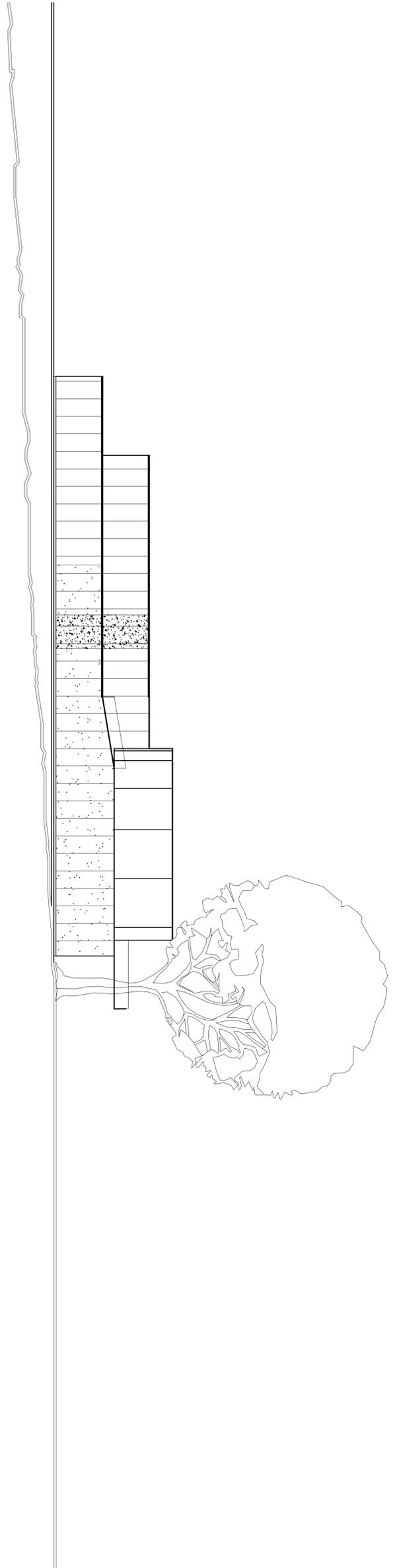
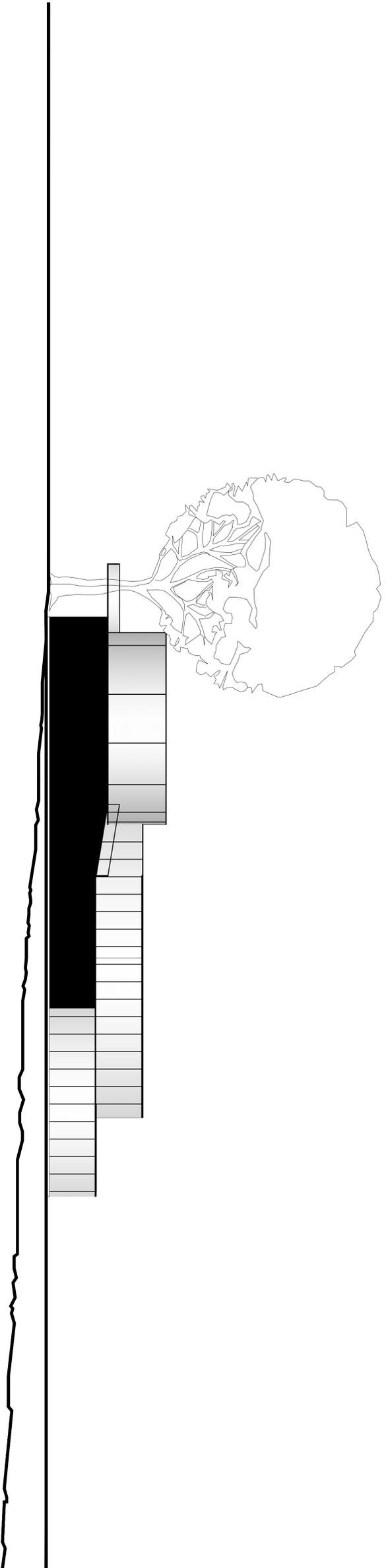
Nome: **Museo Nazionale**
Via: **Viale Mazzini**
C.A.P.: **00185**
Città: **Roma**
Data: **05/12**

Progetto: **Museo Nazionale**
Architetti: **AAO 4**
Descrizione: **Progetto di ampliamento e ristrutturazione**



PROYECTO	Edificio Nucleo Histórico
CLIENTE	Avsa Mérida
UBICACIÓN	Carretera Mérida - San Juan de los Rios
FECHA	1/2011
ESCALA	1/250
HOJA	06/12





Proj. Arq.	Proj. Arq.	Proj. Arq.	Proj. Arq.
Arq. Nelsa Mendes	Z. Torres	Museu Sensorial de Arte	16/07/11
Arq. 4	Fachada 01 e 02		08/12

